

A semântica argumentativa e a pragmática lingüística nas bases de uma Oficina de Tradução Literária

Beatriz Viégas-Faria*

RESUMO – Este é o relato de uma experiência de ensino de conceitos teóricos em semântica argumentativa e pragmática lingüística para uma turma de tradutores literários principiantes. A Oficina propôs-se, num curso de 40 horas, focar principalmente a tradução dos significados implícitos do texto ficcional, questão que norteia o trabalho de doutoramento desta autora. Fora a aquisição dos conceitos teóricos e sua aplicação na prática tradutória, exigiu-se dos tradutores em formação um debate intensivo e extensivo em torno da questão: “O que é tradução literária?” A experiência é relatada desde sua concepção teórica e seleção da clientela, até a publicação (no prelo) das traduções realizadas pelos participantes.

1 Introdução

O objetivo do trabalho que se construiu em forma de oficina (workshop) foi buscar preencher uma lacuna da qual se ressentem tradutores literários: uma orientação teórica para questões referentes aos sentidos implícitos do texto. Encontrando-se nos estudos lingüísticos mais recentes tratamento para certos temas da significação do não-dito, empregam-se principalmente duas teorias que nos permitem ter uma visão do texto ficcional conforme uma análise lógica e/ou argumentativa da seqüência lingüística que se tem

* Doutoranda em Letras da PUCRS, com bolsa CNPq; mestre em lingüística aplicada, tradutora literária. BeatrizV@zaz.com.br

por traduzir. Um modelo leva em conta o contexto da conversação para a compreensão e cálculo de implícitos do tipo implicatura, e o outro modelo leva em conta o encadeamento lingüístico dentro da noção de blocos argumentativos.

Tem-se então dois modelos teóricos básicos que oferecem tratamentos diferentes para a questão do não-dito e para a questão, no processo tradutório, da escolha de conetivos (explícitos ou não). Pode-se assim propor que soluções tradutórias sejam estudadas não mais à luz de exemplos pontuais (como os tradutores trabalharam o sentido figurado de um certo poema), mas sim à luz de uma grade teórica que parte tão-somente do virtual entendimento da construção lógica de um texto poético. Por "texto poético", leia-se o texto criativo, de linguagem literária.

A Oficina de Tradução Literária que funcionou em Porto Alegre no primeiro semestre de 2001, em parceria com a escola de línguas Britannia (www.britannia.com.br) e com a editora L&PM (www.lpm.com.br), foi, nessa sua primeira edição ou protótipo, a parte aplicada de um projeto de doutoramento (do Programa de Pós-Graduação em Letras de PUCRS) que investiga aspectos puramente teóricos da semântica e da pragmática, mas que visa a uma aplicação no ensino, formação e qualificação de tradutores iniciantes.

2 A teoria dos blocos argumentativos

Os conceitos apresentados em artigo de Carel e Ducrot (1999), dentro de uma semântica argumentativa, provaram ser aplicáveis à prática da tradução. A teoria foi apresentada na Oficina de Tradução Literária exatamente como é apresentada no artigo daqueles autores, com os exemplos por mim traduzidos do francês para o inglês. Carel e Ducrot constroem sua discussão em cima de exemplos selecionados para o objetivo de demonstrar a noção de enunciados semanticamente paradoxais e definir o que são paradoxos dentro de uma semântica argumentativa, a partir dos conceitos de expressão socialmente paradoxal, encadeamento lingüístico, encadeamento doxal e encadeamento paradoxal. Apresentam uma definição bem restrita e didaticamente clara de paradoxo lingüístico.

Os participantes da Oficina de Tradução Literária adquiriram os conceitos e aplicaram-nos à atividade tradutória que estavam levando a cabo. Trouxeram para sala de aula exemplos próprios de revisão de seus textos traduzidos a partir dessa perspectiva recém-apresentada, do discurso em *donc* e do discurso em *pourtant* (como veremos a seguir). Analisaram-se também em sala de aula dúvidas

dos oficinairos: como resolver em língua portuguesa os longos períodos de Oscar Wilde. Pois a teoria dos blocos argumentativos ajudou da seguinte maneira: colocando sob nova luz o que é textualmente intrincado não apenas na sintaxe, mas também na seqüência temporal das ações narradas dentro das passagens em questão.

Nesta seção discute-se como o familiarizar-se com a teoria de Carel e Ducrot (1999) sobre encadeamentos lingüisticamente doxais e paradoxais pode auxiliar o tradutor literário em sua prática tradutória, uma vez que os autores propõem uma definição bastante específica para o fenômeno do paradoxo na linguagem a partir da noção de blocos argumentativos. A teoria é apresentada, depois ilustrada com um poema de Sylvia Plath, "The Rival", que já foi objeto de estudo de Arrojo (1986) em uma de suas traduções para o português brasileiro. Apresentam-se então as observações de Arrojo e uma outra tradução, e passa-se a discutir diferenças entre elas a partir da perspectiva teórica de Carel e Ducrot – o enfoque está no estudo dos enunciados aparentemente paradoxais (ex.: "lindo e arrasador"). Dentro de um assim chamado bloco argumentativo, apresentam-se duas estruturas argumentativas, representadas por "P, portanto Q" e "P e, no entanto, Q". Os conetivos (como "e" no exemplo dado) apresentam-se dentro desse enquadramento *donc* ("portanto") ou *pourtant* ("e, no entanto"). Define-se e diferencia-se encadeamento lingüisticamente doxal (LD) e encadeamento lingüisticamente paradoxal (LP). Discute-se a possibilidade da presença de expressões pseudo-LP no poema de Plath, conforme Carel e Ducrot. Conclui-se que conhecer a grade teórica de Carel e Ducrot pode ser ferramenta para auxiliar o tradutor, primeiramente, a reconhecer os discursos em DC (*donc*) e PT (*pourtant*) e, depois, a eventualmente decidir-se pelo melhor conetivo a ser empregado em sua versão daquele encadeamento lingüisticamente doxal ou paradoxal que se apresenta no texto-fonte.

Dizem os autores, na introdução de seu artigo sobre paradoxos e semântica lingüística, que uma ESP (expressão socialmente paradoxal) é toda palavra, sintagma ou discurso que exprime opinião contrária à opinião comum – o que se entende, claro, dentro de uma dada comunidade lingüística em determinada época. A ESP é por eles caracterizada como noção da pragmática ou da análise do discurso. Essa é uma definição importante dentro da presente exposição; quatro anos antes, em 1995, Carel refinara a noção de blocos argumentativos em uma persuasiva discussão dentro da teoria da argumentação e da teoria dos topoi, de Anscombe e Ducrot.

Nesse artigo de 1995, a autora mostra que *donc* (“portanto”) e *pourtant* (“e, no entanto”) são expressões diversas do mesmo princípio argumentativo: sua forma regular e sua forma de exceção, respectivamente. Na abordagem de Carel, uma vez que temos uma premissa A e uma conclusão C, A *pourtant* C implica A *donc* não-C. E, conseqüentemente, A *donc* não-C implica A *pourtant* C. Segundo Carel (1995), de acordo com Anscombe e Ducrot e sua teoria dos topoi, “A *pourtant* C implica A *donc* não-C apenas no sentido em que as duas seqüências baseiam-se em formas diferentes da mesma regra” (p. 179, tradução minha).

A autora emprega o diálogo abaixo como adequado exemplo para demonstrar seu raciocínio:

- A: Pierre trabalhou; ele vai ser bem-sucedido.
B: Quando se trabalha, nem sempre se tem sucesso.¹

Ela desenvolve a análise desse diálogo da seguinte maneira: a resposta de B seria equivalente a dizer “Nem todos que trabalham são bem-sucedidos”, sentença que, em sua forma lógica, recebe a seguinte representação lingüística: “Não é o caso que todos que trabalham são bem-sucedidos”. Essa negação da asserção traz em seu bojo a própria asserção “Todos que trabalham são bem-sucedidos”, o que leva imediatamente à conclusão “Quem trabalha é bem-sucedido”. Esta última asserção, na verdade, é uma crença enraizada em nossa cultura ocidental, ou seja, não existe embutida na premissa (“trabalhar”) a idéia da conclusão (“sucesso”).

Assim sendo, pode-se pensar naquilo que a autora chama de “a orientação argumentativa da seqüência discursiva” (p. 182), sendo que A *donc* C e A *pourtant* não-C têm a mesma orientação argumentativa.

Carel e Ducrot (1999:14) oferecem um exemplo onde a idéia da conclusão está contida no léxico da premissa. São as sentenças que compõem os exemplos (15) e (16) do artigo, traduzidas e transcritas abaixo, respectivamente:

Apesar de ser boa aluna, ela passou no teste; por outro lado, ele, que é péssimo aluno, rodou.

Ela é boa aluna e, no entanto, passou no teste.

Temos aqui o item lexical “bom aluno”, que remete à conclusão “passar em testes”. O que é, segundo os autores, um encadeamento lingüisticamente doxal (LD), estaria inserido dentro do seguinte bloco argumentativo:

¹ Carel, 1995, p. 180, em francês e em inglês, tradução minha, assim como todas as versões em português daqui em diante

bom aluno DC passar

bom aluno PT rodar

Lingüisticamente paradoxais (LP) seriam os encadeamentos

bom aluno DC rodar

bom aluno PT passar

conforme as sentenças dos exemplos acima, que incluem os seguintes equivalentes LP:

péssimo aluno DC passar

péssimo aluno PT rodou

De acordo com a teoria da argumentação dentro da língua, procuram-se relações entre as entidades lingüísticas e os encadeamentos argumentativos do discurso. Para dar tratamento lingüístico à questão dos paradoxos, Carel e Ducrot (1999) criam uma abordagem ao problema e apresentam-na inserida dentro de uma semântica que eles querem puramente discursiva – desviando-se, assim, de uma discussão no âmbito da teoria dos topoi.

Como explicam os autores, as ESPs visam a uma conclusão oposta àquela que se derivaria dos topoi intrínsecos das palavras da frase enunciada. Veja-se o exemplo abaixo:

(a) Esta mala está leve; Jean não vai conseguir levá-la, enquanto o esperado seria:

Esta mala está leve; Jean, *portanto*, vai conseguir levá-la.

Pode-se procurar uma versão mais palatável para a primeira sentença:

Esta mala está leve; *paradoxalmente*, Jean não vai conseguir levá-la.

Carel e Ducrot observam: como se o advérbio pudesse dar sentido a algo sem sentido – pois a sentença faz parte daquele conjunto de enunciados que são “difíceis de aceitar” (p. 9). Como veremos mais adiante, numa tradução do poema “The Rival”, temos a expressão

(b) “algo lindo e arrasador”,

que nos parece também, à primeira vista, difícil de aceitar. É expressão que igualmente aceita o advérbio “paradoxalmente” (lindo e, paradoxalmente, arrasador); quando entende-se que os dois exemplos acima, (a) e (b), são de naturezas semanticamente distintas, entende-se também que a inclusão do advérbio não resolve nada em uma discussão semântica sobre aspectos paradoxais da linguagem.

Os autores propõem então explicar os enunciados semanticamente paradoxais, e com isso chegam a uma definição precisa de o que seriam expressões lingüisticamente paradoxais (ELP). Para

tanto, desenvolveram, a partir de 1992, uma Semântica de Blocos Argumentativos (que evita a noção de topos). No artigo de 1999, os autores deixam claro que o discurso em *donc* não é uma inferência, pois podemos ter, para um mesmo argumento, diferentes conclusões e, para diferentes argumentos, uma mesma conclusão. Isso fica ilustrado na série construída, passo a passo, de exemplos que se poderia resumir nas seguintes asserções:

Se temos um problema, vamos adia-lo. → problema DC não-urgência

Se temos um problema, vamos resolvê-lo. → problema DC urgência

Como sugerem Carel e Ducrot, o aparente paradoxo da primeira sentença acima é social/cultural, e não semântico/lingüístico. O que faz sentido é o conjunto dos segmentos da frase, ou seja: a argumentação, como dizem os autores, está atrelada à interdependência semântica que há entre as palavras. Qualquer das duas argumentações ou encadeamentos discursivos acima faz sentido. Introduzimos aqui a noção de “aspecto argumentativo extrínseco” à expressão do discurso, isso porque a idéia de urgência (ou de não-urgência) não faz parte do significado do item lexical “problema”, nem da expressão “ter um problema”.

Por outro lado, um exemplo de “aspecto argumentativo intrínseco” à expressão da língua está automaticamente vinculado ao significado do item lexical que se apresenta como argumento no encadeamento lingüístico que leva do argumento à conclusão. Como diriam os autores, o caráter argumentativo de um encadeamento está atrelado à interdependência semântica de seus dois segmentos P e Q, argumento e conclusão. No caso de o aspecto argumentativo ser intrínseco, Q está *a priori* embutido em P, como no seguinte caso:

Pedro é prudente, portanto Maria confia nele

onde se tem como bloco argumentativo o seguinte: prudente DC confiável (segundo Carel e Ducrot, esta é uma argumentação normativa); e

Pedro é prudente e, no entanto, Maria não confia nele

onde temos prudente PT não-confiável (argumentação transgressiva – ou, como observado anteriormente, um paradoxo social e/ou cultural, mas não se configurando um paradoxo lingüístico).

Os dois exemplos acima são de encadeamentos E lingüisticamente doxais (LD), e os encadeamentos equivalentes a eles mas lingüisticamente paradoxais (LP) seriam os seguintes:

Pedro é prudente e, no entanto, Maria confia nele
Pedro é prudente, portanto Maria não confia nele

Ou seja, segundo a definição de Carel e Ducrot, um enunciado E é LP quando dois critérios são observados simultaneamente:

- 1- *a* con *b* não é LD
- 2- *a* con' *b* é LD

onde *a* e *b* são os segmentos do encadeamento lingüístico, e, quando con é DC, con' é PT e vice-versa.

Com o exemplo “Paulo foi prudente, portanto não chegou ileso”, os autores afirmam que o paradoxo, na realidade, quando se realiza, é uma tentativa de “quebrar” as palavras da tribo, atentar contra os enunciados que se espera sejam LD, enfim: inventar uma criação semântica. E, finalmente, observam que, quando o contexto explica ou dá respaldo a um enunciado LP, este na verdade deve ser classificado como expressão pseudo-LP. Exemplo dos autores:

É muito caro, portanto o Paulo vai comprar.

Mesmo não sendo LD, esse discurso em *donc* configura-se como pseudo-LP quando se sabe que esse Paulo é pessoa que gosta de se exibir para os outros esbanjando dinheiro. Aqui os autores fazem uma concessão à abordagem pragmática da análise lingüística, pois, segundo sua própria definição, a semântica do discurso não contempla fatores extra-lingüísticos – tanto que, no segundo parágrafo de seu artigo (Carel e Ducrot, 1999), lê-se que a noção de expressão paradoxal normalmente é vista como “estrangeira à semântica lingüística, e classificada entre os conceitos da pragmática ou da análise do discurso” (p. 6). O exemplo acima seria LD se o conetivo fosse do tipo *pourtant*:

É muito caro e, no entanto, o Paulo vai comprar.

A discussão dos autores também nos ajuda, enquanto falantes da língua, a pensar a questão do paradoxo semântico, quando eles afirmam o seguinte:

1. todo paradoxo leva a uma conclusão oposta à que seria de esperar dadas as significações (dicionarizadas) intrínsecas das palavras do enunciado;

2. todo encadeamento lingüístico caracteriza-se por uma interdependência semântica onde o significado do segundo segmento é um componente da significação do primeiro segmento;
3. em toda expressão LD, o aspecto argumentativo (normativo ou transgressivo; intrínseco ou extrínseco) é parte do significado intrínseco do enunciado como um todo; e
4. todo enunciado poderia a princípio ser descrito pelos encadeamentos em DC ou em PT que evoca.

Esta última é uma asserção que se prova de grande utilidade para o tradutor em sua prática profissional e mais ainda para o tradutor/lingüista que se dispõe a auxiliar tradutores literários iniciantes em sua qualificação para o mercado de trabalho. Os exemplos abaixo, tirados de um poema de Sylvia Plath ("The Rival"), ilustrarão três problemas tradutórios, e como a teoria dos blocos argumentativos pode ajudar na busca de soluções.

If the moon smiled, she would resemble you.
 You leave the same impression
 Of something beautiful, but annihilating.

Temos no terceiro verso do poema a expressão "beautiful, but annihilating" (lindo, mas aniquilador). Arrojo (1986) procede à análise de uma tradução desse poema de Plath para o português brasileiro, publicada em periódico em 1984, de Luiz Carlos de Brito Rezende. Enquanto a análise de Arrojo prende-se a questões interpretativas do texto literário, esse mesmo estudo da pesquisadora em tradução vai oferecendo aos poucos uma versão alternativa do poema em português, que eu aqui passo a chamar de tradução "literal" – entre aspas, porque traduções literais há mais de uma, pois, embora atendo-se ao conteúdo semântico do texto-fonte, elas podem divergir entre si, e frequentemente o fazem, quanto a escolhas lexicais e a formas sintáticas. Por exemplo, o que eu, na expressão acima, escolho traduzir como "lindo, mas aniquilador", Arrojo opta por "belo, porém arrasador" (p. 68).

Uma discussão desse encadeamento lingüístico dentro do enquadramento teórico de Carel e Ducrot (1999) comportaria os seguintes blocos argumentativos:

beautiful PT annihilating (cultural e lingüisticamente doxal)
 beautiful DC annihilating (culturalmente paradoxal, mas lingüisticamente doxal)

e podemos pensar na possibilidade de se construir
 (?) beautiful DC non-annihilating

onde teríamos em realidade uma orientação argumentativa no sentido de um raciocínio do tipo "o que é altamente positivo (beautiful) não deveria ser altamente negativo (annihilating)". Pelo menos social e culturalmente temos essa crença. Entretanto, de acordo com a apresentação do problema do paradoxo dentro de uma semântica argumentativa, segundo os autores investigados, não se aplica neste caso a definição de expressão paradoxal ao encadeamento criado por Plath.

Examinemos por que: em primeiro lugar, porque a idéia de aniquilação não é intrínseca ao primeiro segmento do encadeamento lingüístico "lindo, mas aniquilador", que se examina na língua inglesa. Em segundo lugar, porque a autora da expressão mantém, por meio do conetivo *mas* (but = however = PT), a argumentação de aspecto normativo.

Já na tradução de Rezende, examinada por Arrojo, a expressão de Plath aparece como

lindo e arrasador.

N.B.: Não está no escopo da análise de Arrojo examinar esse detalhe da escolha do conetivo de parte do tradutor, bem como meu exame deste e dos próximos dois exemplos de "The Rival" não tem qualquer ponto de interseção com o trabalho de Arrojo. Cito-a porque, ao ler o artigo de Carel e Ducrot sobre o problema dos paradoxos, imediatamente lembrei-me do poema de Plath conforme examinado por Arrojo – são muitos os paradoxos sociais/culturais dentro do poema. Pensei que seriam também paradoxos lingüísticos, o que explicaria minha estranheza com a escolha de conetivo por Rezende no exemplo acima. Em suma, Arrojo (1986) foi um dos pontos de partida para o presente estudo.

Com a tradução de Rezende (*apud* Arrojo, 1986) temos então um belo exemplo daquilo que, com este estudo, quero provar: a grade teórica de Carel e Ducrot (1999) tem como descrever e explicar a orientação argumentativa de um encadeamento lingüístico ou seqüência discursiva que se pensa dentro dos discursos em DC e em PT. Aplicando esses conceitos para o estudo e a prática da tradução literária, vemos que se pode facilmente criticar a escolha de conetivo na tradução de Rezende, uma vez que a escolha de conetivo da autora do poema na língua de origem aponta para um discurso em PT, de aspecto normativo, enquanto seu tradutor cria um discurso em DC, de aspecto transgressivo. Temos assim uma ferramenta avaliativa para escolhas de conetivos em traduções, uma vez que podemos nos apoiar em algo mais do que apontar no cotejo de original e tradução que "but" não é "e" e que uma *back-*

translation (re-verter o texto traduzido para sua língua-fonte) cuidadosa traduziria esse "e" por um "and". Porém, mais importante é notar que a grade teórica de Carel (1995) e Carel & Ducrot (1999) também pode transformar-se em ferramenta orientadora de escolhas lexicais do tradutor, o que se conseguiu com sucesso na Oficina de Tradução Literária.

A outra tradução examinada do poema, de Garcia Lopes e Arruda Mendonça (Plath, 1994), mantém o aspecto normativo do discurso em PT: "lindo, mas aniquilante" (p. 23).

O segundo exemplo do poema "The Rival" encontra-se nos versos 6 e 7 (Plath, 1994, p. 22):

And your first gift is making stone out of everything.
I wake to a mausoleum; you are here,

o que, na tradução literal de Arrojo (p. 70), aparece como:

Seu talento maior é transformar tudo em pedra.
Acordo para um mausoléu; você está aqui,

Pode-se parafrasear simplificada o verso 6 da seguinte forma:

Você tem um dom e, no entanto, ele é uma praga (dom PT praga)

o que aponta para um discurso em PT, lingüisticamente doxal. O discurso em DC nos traria a construção "dom DC praga" dentro do bloco semântico argumentativo que se está querendo montar. Note-se que esta última construção, em *donc*, é culturalmente paradoxal, é semanticamente contraditória, mas não é lingüisticamente paradoxal. Pelas mesmas razões apontadas no primeiro exemplo: a idéia de algo muito negativo não está contida na idéia de algo muito positivo, e vice-versa. Então o que há aqui não é um encadeamento de argumento e conclusão, pois o significado de um segmento não é intrínseco ao outro.

Também temos que, ao se examinar o poema em sua integridade (ver Anexo), não teríamos caracterizado nem mesmo um verdadeiro paradoxo social, pois o contexto do poema desmancha essa idéia no momento em que a personagem (you/você) construída em linguagem poética caracteriza-se por ser fria e dura como mármore.

Como, então, pode-se querer uma aplicação da teoria apresentada por Carel e Ducrot (1999) ao ato tradutório relativo a uma passagem de texto literário quando mostramos que esta é uma contradição e não um paradoxo? Penso que justamente porque a teoria, ajudando-nos a descartar a idéia (intuitiva, mas não lingüís-

tica) de que um dado encadeamento lingüístico seja um paradoxo lógico, ela está também nos ajudando a pensar em profundidade o que a autora do poema original pretendeu quando realizou sua criação semântica e, a seu modo, quebrou não as palavras (conforme dicionarizadas) da tribo, mas sim as crenças da comunidade lingüística em que ela, autora, insere-se.

Dito isso, a meu ver apresenta-se como inadequada (nem que fosse por questões de métrica ou rima, que não é o caso) a tradução dessa passagem conforme feita por Garcia Lopes e Arruda Mendonça (Plath, 1994, p. 23):

E na primeira chance faz tudo virar pedra.

O que era contradição no texto-fonte transforma-se em uma questão circunstancial: a personagem não mais "faz tudo virar pedra" porque este é seu talento, mas ela "faz tudo virar pedra" quando lhe aparece a oportunidade (se há oportunidade, então há metamorfose; há metamorfose porque há oportunidade; há oportunidade, *portanto* há metamorfose). Oportunidade DC metamorfose é um bloco que todavia não se constrói, pois a idéia de uma metamorfose não se insere no significado de "oportunidade". Já o sentido de metamorfose encontra-se na idéia de um "talento de transformar tudo em pedra", o que nos permite construir o encadeamento talento DC metamorfose dentro de um discurso em *donc*. O que era mandatório no comportamento da personagem, essencial à sua personalidade, parte integrante de seu caráter, na tradução fica sendo algo que não acontece necessariamente sempre.

Isso vai se refletir no entendimento do próximo verso:

Acordo para um mausoléu; você está aqui,

o que, na tradução de Garcia Lopes e Arruda Mendonça, fica

Acordo num mausoléu; te vejo aqui,

e agora nos deparamos com duas argumentações diferentes dentro daquilo que, a princípio, seria um único discurso em duas versões porque em códigos lingüísticos diversos. No poema de Plath, temos que uma segunda pessoa "você" (*you*), quando está "aqui" (*here*), transforma o espaço da primeira pessoa (*I*) em um mausoléu, espaço feito necessariamente de pedra.

Na verdade, a argumentação de Plath é a seguinte: porque você [cujo talento é transformar tudo em pedra] está aqui, estamos num mausoléu (a idéia de "pedra" é intrínseca ao significado de "mausoléu"); se estou num mausoléu, é porque você está aqui; você está presente DC estou num ambiente de pedra. Tem-se uma

descrição do “você” no verso 6 que se imbrica na argumentação do verso 7, de aspecto normativo, num discurso em *donc*, porque a orientação argumentativa construída mostra que a conclusão já estava inscrita no argumento.

Agora, vejamos o seguinte: conforme a tradução de Garcia Lopes e Arruda Mendonça, o dom de fazer tudo virar pedra é circunstancial e não inerente à personagem “você”. O “você” precisa de uma “chance” para realizar a metamorfose. De acordo com essa versão do poema, pode-se inferir por implicatura (ver a teoria das implicaturas, na próxima seção) que a personagem “eu” forneceu a oportunidade necessária para “você” pôr em prática o seu dom. Esse é um possível sentido implícito, razoavelmente dedutível, que não pode ser calculado a partir dos versos 6 e 7 do poema em língua inglesa, conforme sua versão original. Vemos assim que, porquanto Carel e Ducrot (1999, p. 10) são enfáticos em afirmar que “os discursos em *donc* não são inferências”, o que espero ter demonstrado até aqui, a descrição que esses autores fazem de orientação argumentativa dentro de uma semântica de blocos argumentativos nos é de extrema valia para, a partir desse tipo de análise, também se pensar, como neste exemplo, as possíveis inferências de uma tradução que não se apresentam como possibilidade no texto original. Mais uma vez, a teoria mostra-se ferramenta de avaliação em tradução literária e, se aplicada durante o processo tradutório, ferramenta de prevenção de inadequações (as sempre e assim chamadas “infidelidades”) em tradução literária.

O terceiro e último exemplo tirado de “The Rival” aparece nos versos finais (ver Anexo para a tradução “literal”):

Your dissatisfactions, on the other hand,
Arrive through the mailslot with loving regularity,
White and blank, expansive as carbon monoxide.

No day is safe from news of you,
Walking about in Africa, maybe, but thinking of me.

Em preparação para o penúltimo verso, temos, na estrofe anterior, que “suas insatisfações... chegam pelo correio com regularidade..., expansivas como monóxido de carbono”. Quando a personagem “eu” afirma que “nenhum dia está a salvo de notícias suas”, temos neste verso referência à regularidade da correspondência de “você” para “eu”, e temos também referência – não por inferência, mas sim por um discurso em *donc* – ao veneno (monóxido de carbono) que traz consigo essa correspondência por correio. Não é inferência porque está explícito no texto: monóxido de carbono /

não estar a salvo de. Ora, como nos leva a crer a discussão sobre argumentação de Carel e Ducrot (1999) em seu artigo sobre a questão dos paradoxos, o que temos aqui é um belo exemplo de argumentação interna à expressão que, neste caso, é “não estar a salvo de” – onde a partícula de negação é recuperada da expressão “nenhum dia”. (Entendendo-se aqui que “Nenhum dia está a salvo de notícias suas” reescreve-se em sua forma lógica como “Não é o caso que todos os dias estão a salvo de notícias suas”, ou ainda “Todos os dias não estão a salvo de notícias suas”, construção permissível em estudos de lógica e que ora apresentamos por uma questão metodológica, de demonstração do exemplo de argumentação.) “Estar a salvo de” é expressão denotativa de segurança; um veneno como o monóxido de carbono significa um perigo, ou falta de segurança.

O bloco argumentativo poderia ser construído da seguinte forma (onde substituímos monóxido de carbono por veneno e, na seqüência, veneno por perigo).

perigo DC não-segurança → LD
perigo PT segurança → LD
perigo DC segurança → LP
perigo PT não-segurança → LD, mas socialmente paradoxal

Está inscrito no significado de segurança o significado de perigo, ou seja, em relação aos dois segmentos da argumentação, conforme Carel e Ducrot, a idéia de um é intrínseca à idéia do outro.

Estar atento ao aspecto intrínseco (ou extrínseco) da argumentação – em que isso pode ajudar o tradutor em sua prática tradutória? No exemplo acima, pode ajudar o tradutor a não desprezar esse aspecto do texto originalmente escrito. No momento em que o tradutor tem conhecimento não só intuitivo dessa questão do discurso autoral, mas tem também conhecimento teórico dela, ele tem em mãos um instrumento formal, de cunho acadêmico, que lhe assegura uma base semântica forte por onde pensar sua tradução, principalmente em termos de respeitar ao máximo a urdidura das idéias que compõem o texto-fonte.

Observamos que nas traduções publicadas que se investigou, tanto de Brito Rezende quanto de Garcia Lopes e Arruda Mendonça, o penúltimo verso do texto em português recebeu a seguinte versão:

Nem um dia se passa sem notícias suas,

o que perde por completo a idéia de falta de segurança e deixa sem continuidade ou fechamento a idéia previamente embutida na tessitura do texto poético, que é a idéia de veneno, de perigo (idéia esta ainda reforçada pelo adjetivo “expansivo” em ligação com o termo “monóxido de carbono”). Perde-se na tradução uma inferência possível de se deduzir ou calcular (conforme a teoria das implicaturas, apresentada na seção abaixo), qual seja, a da idéia implícita de que a personagem “eu” não tem defesas contra o perigo representado pela personagem “você”, perigo este que lhe chega pelo correio em forma de veneno.

Como bem salientou a própria Marion Carel, em comentário pessoal ao presente estudo, no I Seminário Internacional de Polissemia e Indeterminação Semântica, em Florianópolis (UFSC, agosto de 2001), não é necessária a explicitação do conetivo (seja do tipo *donc*, seja do tipo *pourtant*) para que se tenha presente no texto a argumentação, intrínseca ou extrínseca, e os discursos em DC ou em PT. Penso que este terceiro e último exemplo acima prova bem esse ponto: o penúltimo verso do poema “The Rival”, para fins desta explanação teórica, poderia ser (que nos perdoe Sylvia Plath) “Therefore, no day is safe from news of you” (Portanto, nenhum dia está a salvo de notícias suas). Em suma, tem-se uma análise do encadeamento lingüístico a partir do tipo de conetivo evocado.

As traduções publicadas e examinadas tratam tão-somente da regularidade da correspondência (nem um dia se passa sem...), mas não fazem menção ao caráter venenoso dessa correspondência. Já outra tradução (nenhum dia está a salvo de...) trata concomitantemente das duas características, como está claro no texto-fonte. Repetindo o que já foi dito para o segundo exemplo, entende-se que, na teoria de Carel e Ducrot (1999), tem-se uma ferramenta de crítica e/ou prevenção a soluções tradutórias que desconsideram o que os autores chamam de discurso em *donc* (*therefore*) e discurso em *pourtant* (*however*). Em outras palavras, tem-se nesse modelo teórico, que segue uma análise argumentativa dentro da semântica lingüística, uma maneira de explicar com critério por que uma dada tradução de um verso poderia ser considerada inadequada e mesmo equivocada.

3 A teoria das implicaturas

O objetivo é mostrar como a propriedade de *calculabilidade* das implicaturas conversacionais particularizadas conforme propostas por Grice pode auxiliar o tradutor a pensar este problema específico mas complexo da atividade tradutória, o dos significa-

dos subentendidos. Além de ilustrar a teoria examinada via diálogos de uma peça consagrada da literatura universal, mostra-se (via algumas amostras) que a tradução adequada de um diálogo com implícitos desse tipo deve necessariamente e rigorosamente obedecer o mesmo cálculo griceano que se pode encontrar no texto original, qual seja, o cálculo inferencial que segue uma lógica não-trivial e que o ouvinte faz acerca da intenção do falante. (Note-se que aqui estamos falando de ouvintes e falantes que são personagens de Shakespeare. Não estão em jogo nem a intenção de Shakespeare nem a reação do público que assiste à peça; não se está analisando o virtual diálogo autor-leitor, mas sim o diálogo realizado entre personagens de um texto ficcional.)

Por significado implícito entende-se aquele teor da fala que não se encontra nem se expressa literalmente nas palavras, nas frases, nas sentenças do falante. É um significado que o ouvinte pode captar – e o faz rápida e naturalmente na maioria das vezes – mas que, dentro dos estudos lingüísticos, somente a Pragmática seria capaz de explicar, uma vez que depende do *contexto* em que as palavras, frases ou sentenças tornam-se enunciados.

O dito, ou seja, a sentença enquanto enunciação, está sujeito à análise de suas condições-de-verdade, i.e., pode ser verdadeiro ou falso – é uma questão para a Semântica. Já a inferência só pode ser julgada válida ou inválida, pois tudo que fica implícito pode ser *cancelado* (ou esvaziado ou anulado), uma vez que o que não foi dito é perfeitamente passível de ser negado – questão para ser analisada pela Pragmática.

Grice, com sua teoria das implicaturas, inaugurou uma pragmática que é complementar à semântica das condições-de-verdade e que veio explicar aquilo que a intuição do ouvinte registra com relação às intenções do falante. Essa intuição é automática e não depende de interpretação, por parte do ouvinte, daquilo que o falante enunciou. (Veja-se que, enquanto a Semântica é a disciplina dos significados das proposições, a Pragmática é a disciplina das condições comunicativas dos enunciados.)

O raciocínio de Grice para chegar à concepção do Princípio da Cooperação (PC) pode ser ilustrado com o seguinte diálogo ou troca conversacional:

- A – Você quer um cafezinho?
B – Eu tenho úlcera.

No momento em que B aparentemente muda de tópico, como é que a comunicação ainda assim funciona? E de maneira eficiente? Grice entendeu que a *intenção* das pessoas é de se comunicarem, de

se entenderem e de se fazerem entender. Se elas acabam por se entender é porque devem estar seguindo *regras naturais de linguagem*. A esse conjunto de regras, Grice denominou de máximas conversacionais, que estariam a serviço de um Princípio da Cooperação ao qual obedecem os interlocutores. E essas regras conversacionais seriam adquiridas pelo indivíduo concomitantemente à aquisição da linguagem.

Costa (1984) propõe uma reformulação do modelo de Grice discutindo a Relevância enquanto supermáxima. Diz o autor que "a implicatura surge para harmonizar relações entre funções diversas do jogo comunicativo" (p. 120) e conclui que "a implicatura é a relevância pragmática do dito" (p. 129) quando a implicatura acontece por violação de uma ou mais máximas. A relevância seria "a propriedade pragmática por excelência" (idem). Costa propõe que se reordenem as máximas, cabendo à relevância o papel de função pragmática. A ela seria mais propriamente garantida a posição de supermáxima ligada ao princípio geral da cooperação.

Princípio da Cooperação

Regras Gerais da Conversação

Supermáxima Geral: "Seja o mais relevante possível"

I Categoria da Quantidade

1ª máxima – Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto o requerido (para o propósito corrente da conversação)

2ª máxima – Não faça sua contribuição mais informativa do que o requerido

II Categoria da Qualidade

Supermáxima: Diga somente o que você sabe

1ª máxima – Não diga o que você sabe ser falso

2ª máxima – Não diga o que você não pode assumir como sabendo

III Categoria de Adequação

Máxima – Só diga algo adequado ao assunto da conversação

IV Categoria de Modo

Supermáxima: Seja claro

1ª máxima – Evite obscuridade

2ª máxima – Evite ambigüidade

3ª máxima – Seja breve (evite prolixidade)

4ª máxima – Seja ordenado

Quanto à tipologia das implicaturas, Costa (p. 133) apresenta-nos o seguinte resumo:

Tipos de implicaturas

Quanto à natureza pragmática:

1 – Convencionais: relação dito-léxico

2 – Conversacionais: relação dito-contexto-princípio da cooperação

Quanto ao tipo de causa

1 – Standard: respeito às máximas

2 – Por quebra: violação das máximas

Quanto ao tipo de contexto

1 – Generalizadas: contexto geral (regras lingüísticas)

2 – Particularizadas: contexto particular (regras comunicacionais)

Finalmente, apresenta-se o modelo do cálculo conforme Costa (1984) em seu Modelo de Grice Ampliado, não sem antes o autor discutir a questão do conceito de contexto. Segundo ele, o contexto "é constituído de um conjunto indeterminado de sentenças mutuamente conhecidas; na depreensão de uma implicatura, entretanto, apenas algumas são relevantes, necessárias e determináveis" (p. 150). Na apresentação do cálculo, devem aparecer tão-somente aquelas indispensáveis para que, partindo do enunciado, o ouvinte chegue à implicatura. Assim é que as sentenças apresentadas nos exemplos de cálculos serão sempre um subconjunto de sentenças do contexto. Costa admite que o conceito é elástico, embora seja "o ponto crucial de uma abordagem pragmática para a significação na linguagem natural" (idem).

O modelo de cálculo é oferecido por Costa (1984) na seguinte formatação:

(A) = o destinatário

(B) = o remetente

(C) = o contexto (conjunto de proposições potenciais conhecidas por (A) e por (B) ou que, pelo menos, podem ser aceitas como não-controvertidas.

(E) = Enunciado

(Q) = Implicaturas (inferências pragmáticas do tipo griceano)

Costa também é o autor que introduz o conceito de "implicaturas encadeadas" dentro desse modelo reformulado, conforme será visto nos exemplos analisados dos diálogos de R&J. Viégas-Faria (1999), em dissertação inédita, introduz o conceito de "implicaturas concomitantes", que também aparecerá nos exemplos a seguir.

Na peça de Shakespeare que investiga-se, *Romeo and Juliet*, observamos um diálogo curto entre Julieta e Capuleto, seu pai, quando então a protagonista da peça procede a uma ginástica linguística indicadora de sua ginástica mental. Julieta fala de modo que em nenhum de seus enunciados possa ser detectada uma mentira, i.e., ela preserva a todo custo as máximas griceanas de Qualidade, observando, além disso, a máxima de Adequação, e o referido custo é o desrespeito às máximas de Quantidade e Modo, sendo que, nesta última categoria, ela infringe obrigatoriamente a 2ª máxima (Evite ambigüidade). Isso é consequência da própria ambigüidade moral por que está passando a personagem: impedida pelas circunstâncias de divulgar que é mulher casada, ainda precisa fazer-se passar por noiva de Páris, já que o pai impôs-lhe o noivo, e ela não pode contar ao pai irado sobre seu casamento proibido e secreto. Personagem de elevados valores cristãos, que tem em Frei Lourenço seu confessor, Julieta não ousa mentir e, ao mesmo tempo, está impedida de declarar a verdade. Recorre então seu discurso à afirmação de generalidades – que se prestam a interpretações várias, dependendo do contexto.

Romeo and Juliet (Shakespeare, 1975:1036)

NURSE – See where she comes from shrift with merry look.

Enter Juliet.

CAPULET – How now, my headstrong! where have you been gadding?

JULIET – Where I have learn'd me to repent the sin / Of disobedient opposition / To you and your behest; and am enjoin'd / By holy Lawrence to fall prostrate here, / And beg your pardon: – pardon, I beseech you! / Henceforth I am ever rul'd by you.

CAPULET – Send for the county; go tell him of this: / I'll have this knot knit up to-morrow morning.

JULIET – I met the youthful lord at Lawrence' cell; / And gave him what becomed love I might, / Not stepping o'er the bounds of modesty.

CAPULET – Why, I am glad on't; this is well, — stand up. — This is as't should be. [...]

JULIET – Nurse, will you go with me [...]?]

Romeu e Julieta (Shakespeare, 1998:126-127)

AMA – Veja, senhor, aí vem ela voltando da confissão com o-lhar contente.

Entra Julieta.

CAPULETO – Ora, ora, minha cabecinha dura! Por onde andas-te passeando?

JULIETA – Fui até aonde aprendi a me arrepender do pecado da oposição desobediente ao senhor e às suas ordens. Prescreveu-me o santo Frei Lourenço que eu aqui me prostrasse, e lhe pedisse perdão: Perdão eu lhe peço, meu pai. De hoje em diante seguirei sempre sua orientação.

CAPULETO – Manda chamar o conde. Dá-lhe essa notícia. Amanhã de manhã eu dou o nó que os vai amarrar.

JULIETA – Encontrei-me com o jovem senhor na cela de Frei Lourenço, e ofereci-lhe todo o amor que fui capaz de lhe entregar, sem ultrapassar os limites da modéstia.

CAPULETO – Ora, isso muito me apraz; assim está bem. – Levanta-te. – As coisas assim ficam como deveriam ser. [...]

JULIETA – Ama, queres vir comigo [...]

No exemplo oferecido acima para ilustrar implicaturas concomitantes e seus cálculos no texto original (e, conseqüentemente, no texto traduzido), temos a situação em que Capuleto, o pai de Julieta, não sabe que a filha é apaixonada por Romeu e com este casou-se secretamente, enquanto esses dados são do conhecimento da Ama de Julieta. Veja-se então as implicaturas:

(A) = Capuleto

(B) = Julieta

(C) = C1 – Julieta e Páris estão oficialmente noivos

C2 – Julieta e Páris têm casamento marcado para quinta-feira

C3 – Julieta e Páris encontraram-se

(E) = ofereci-lhe todo o amor que fui capaz de lhe entregar

(Q1) = ofereci-lhe todo o amor que uma noiva é capaz de entregar ao futuro marido (por quebra da 1ª máxima de Quantidade e da 2ª máxima de Modo)

CÁLCULO:

1 – (B) disse (E)

2 – (B) está oferecendo uma informação (todo amor que fui capaz/what becomed love I might) ambígua e não ofereceu todas as informações necessárias

3 – (B) ainda assim deve estar cooperando

4 – (B) sabe que (A) sabe {C1, C2, C3}

5 – (B), dizendo (E), só estará sendo relevante se pretender que (A) pense (Q1)

6 – (B) disse (E) e implicou (Q1)

IMPLICATURA CONCOMITANTE

- (D) = Ama
(B) = Julieta
(C) = C1 – Julieta e Páris estão oficialmente noivos
C2 – Julieta e Páris têm casamento marcado para quinta-feira
C3 – Julieta e Páris encontraram-se
C4 – Julieta é apaixonada por Romeu
C5 – Romeu e Julieta casaram-se secretamente
C6 – Capuleto não sabe C4 nem C5
(E) = ofereci-lhe todo o amor que fui capaz de lhe entregar
(Q2) = ofereci-lhe amor nenhum (por quebra da 2ª máxima de Modo)

CÁLCULO:

- 1 – (B) disse (E)
2 – (B) está oferecendo uma informação (todo amor que fui capaz/what becomed love I might) ambígua
3 – (B) ainda assim deve estar cooperando
4 – (B) sabe C (C1, C2, C3, C4, C5, C6) e sabe que é possível inferir (Q1) a partir de (E)
5 – (B), dizendo (E), só estará sendo relevante se pretender que (D) pense (Q2)
6 – (B) disse (E) e implicou (Q1) e (Q2) concomitantemente

No exemplo acima, quanto à implicatura depreendida por Capuleto a partir do enunciado de Julieta, pode-se calcular uma implicatura encadeada, qual seja: “já confirmei com Páris o casamento na quinta-feira”, dado o acesso que Capuleto tem ao contexto (C1, C2, C3, Q1). Isso confirma-se na fala seguinte de Capuleto: “Ora, isso muito me apraz [...] As coisas assim ficam como deveriam ser”.

Ilustramos, a seguir, o que sucede quando uma tradução (literal) acata a significação do dito mas não observa a inferência necessária à apreensão do significado total do enunciado. A tradução não segue o cálculo griceano que *existe* no texto original simplesmente porque inexistente implicatura a ser calculada na fala em questão, a que sofreu amputação do implícito.

Romeo and Juliet (Shakespeare, 1975:1024)
NURSE – Is it good-den?

MERCUTIO – ‘Tis no less, I tell you; for the bawdy hand of the dial is now upon the prick of noon.

NURSE – Out upon you! what a man are you!

Romeu e Julieta (Shakespeare, 1998:67-68)

AMA – Já é boa tarde?

MERCÚCIO – Nada menos que tarde, lhe asseguro; pois a mão obscena que é a sombra do ponteiro do relógio de sol encontra-se agora sobre o pau que traça o meio-dia.

AMA – Passa fora! Mas que tipo de homem és tu?

Tradução exclusivamente do dito:

AMA – Já é boa tarde?

MERCÚCIO – Nada menos que tarde, lhe asseguro; pois o ponteiro indecente do relógio de sol encontra-se agora sobre a marca do meio-dia.

AMA – Passa fora! Mas que tipo de homem és tu?

Consideremos primeiramente o cálculo inferencial que se aplica, segundo o Modelo Ampliado de Grice conforme Costa (1984), a original e tradução:

(A) = Ama

(B) = Mercúcio

(C) = C1 – Os interlocutores são desconhecidos um do outro

C2 – A Ama aproximou-se para pedir informações

(E) = a mão obscena que é a sombra do ponteiro do relógio de sol encontra-se agora sobre o pau que traça o meio-dia

(Q) = há uma mão sobre um pênis (por quebra da 2ª máxima de Quantidade e da 2ª máxima de Modo)

CÁLCULO:

- 1 – (B) disse (E)
2 – (B) está oferecendo mais informações (hand/mão e ponteiro + prick/pau) que o requisitado e ambíguas
3 – (B) ainda assim deve estar cooperando
4 – (B) sabe C (C1, C2)
5 – (B), dizendo (E), só estará sendo relevante se pretender que (A) pense (Q)
6 – (B) disse (E) e implicou (Q)

Retirada essa implicatura da fala de Mercúcio, o que se segue é que o leitor de Shakespeare assim traduzido vai automaticamente procurar na fala seguinte da Ama uma implicatura para o que ela diz, pois ali fica gritante na interlocução uma mudança de tópico, no mínimo um descompasso entre a fala de Mercúcio, que diz as horas referindo-se ao relógio de sol, e a reação da Ama. O leitor verá que essa reação da Ama às palavras de Mercúcio terá sido exagerada, mesmo descabida, ante uma fala que no máximo está, de maneira inoportuna, adjetivando como indecente um ponteiro de relógio. Note-se que o sentido implícito apreendido pela Ama foi também apreendido por Romeu, presente à cena, e que então encarrega-se de responder à Ama sobre que tipo de homem seria Mercúcio: "Um homem, minha gentil senhora, que Deus fez com suas próprias mãos para depois estragá-lo."

A teoria das implicaturas ilustrou-se com diálogos de R&J, devidamente analisados em seus cálculos inferenciais, o que mostra que o Princípio da Cooperação é sempre respeitado, mesmo quando aparentemente quebram-se uma ou mais máximas conversacionais, e um construto teórico chamada "cálculo inferencial" mostra-se válido para demonstrar esse fenômeno pragmático. O que autoriza uma inferência do tipo implicatura particularizada por quebra é não só o enunciado do falante, mas também o contexto em que este é dito. O cálculo inferencial vale-se de uma lógica dedutiva e não-trivial para relacionar enunciado, conhecimento do contexto e regras conversacionais, o que descreve e explica, dentro de uma teoria de base pragmática, como o interlocutor daquele falante depreende o não-dito, como ele compreende o implícito, como ele infere a implicatura. Em suma, o cálculo inferencial provou ser modelagem adequada para dar tratamento a implicaturas griceanas dentro de diálogos ficcionais.

Como resultado, pode-se dizer que a teoria griceana é potencialmente capaz de descrever e explicar como foi feita uma tradução pragmaticamente adequada de uma conversação entre personagens de uma obra de ficção. Essa potencialidade de aplicação pode apontar equívocos de uma tradução e possivelmente poderia até mesmo apontar uma solução tradutória para uma fala do diálogo original. Isso porque, a partir do dito, seja no original, seja na tradução, a inferência (o não-dito) a que deve chegar o ouvinte-personagem dentro do texto de ficção deve ser a mesma e, para isso, as mesmas quebras de máximas conversacionais devem se manter na tradução e, conseqüentemente, o mesmo cálculo para aquela implicatura particularizada. Do contrário, a tradução terá perdido um implícito existente no original.

4 Oficina de tradução literária

Dados os dois pilares teóricos acima descritos, pensou-se ter, juntamente com a experiência prática da tradução literária, condições básicas necessárias e suficientes para tentar-se montar um protótipo daquilo que seria então uma Oficina de Tradução Literária centrada num tratamento diferenciado aos sentidos implícitos do texto ficcional.

A Oficina montou-se em uma instituição de ensino e também em parceria com uma casa editora. Ofereceu-se um curso de 40 horas, em 13 encontros semanais, aos sábados pela manhã (das 9:00 às 12:15), de abril a julho de 2001. A escola disponibilizou sua infra-estrutura (sala de aula totalmente equipada, computadores, dicionários, xerox, cafezinho, staff); fez a divulgação do curso na imprensa e também por mala-direta e em cartazes em suas sedes de Porto Alegre; aplicou teste próprio de proficiência em língua inglesa aos candidatos; aplicou os testes de produção textual em língua portuguesa e competência tradutória por mim criados; ao fim do semestre, forneceu Certificado de Participação e Conclusão aos oficineiros.

Uma observação: escolheu-se as manhãs de sábado como horário preferencial para oportunizar a participação de pessoas residentes fora de Porto Alegre, o que realmente ocorreu; e também para se ter uma certa garantia no sentido de que os inscritos não fossem meros diletantes, mas pessoas verdadeiramente interessadas em se lançar como tradutores literários – o que também ocorreu, pois nenhum dos 10 matriculados abandonou o curso, sendo que todos, sem exceção, ao fim do curso, consideraram a Oficina "puxada" e o trabalho de pesquisa exigido, "difícil".

Foram considerados aptos a se matricularem aqueles candidatos que provaram: (1) ter bom domínio da língua inglesa falada e escrita, (2) ter em língua portuguesa um texto claro, demonstrativo de idéias bem organizadas em seus parágrafos, e praticamente livre de erros gramaticais; (3) ter capacidade de traduzir sem erros um texto que se escolheu por ser descrição detalhada de uma paisagem repleta de ações humanas, num inglês britânico de registro bastante específico. A turma fechou com 10 alunos matriculados, sendo que as inscrições foram abertas ao público em geral.

Antes de se começar o curso, ficou acertado com a casa editora que títulos interessaria a eles ter publicados. Foi escolhido, pelo editor, um volume de contos de Oscar Wilde (entre eles, "The Canterville Ghost") e, de Robert Louis Stevenson, seu texto mais aclamado: "The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde". Assim foi

que cada oficinairo recebeu cópia, já no primeiro encontro, do texto que seria de sua responsabilidade traduzir durante o semestre. Antes da matrícula no curso, os candidatos já sabiam que deveriam traduzir um conto da língua inglesa que, sendo aprovado em sua versão em português, seria publicado – e devidamente remunerado, em transação direta com a casa editora.

No primeiro encontro, pediu-se aos participantes que traduzissem, do português para o português, o poema "Paisagem: como se faz", de Carlos Drummond de Andrade. Recriar um texto ficcional escrito em uma dada língua para esta mesma língua é uma técnica empregada pelo Prof. Dr. Rainer Schulte em suas Oficinas de Tradução na Universidade do Texas em Dallas (www.utd.edu), onde ele dirige um Centro de Estudos da Tradução. Embora fosse dada aos oficinairos toda liberdade para transformar o poema em, por exemplo, história em quadrinho ou roteiro de cinema, no sentido de se valerem não só de palavras, mas também de elementos extra-lingüísticos, a turma resistiu à sugestão e dividiu-se entre aqueles que transformaram poesia em prosa, os que explicaram o poema, os que falaram de suas impressões sobre o poema de Drummond, e os que se inspiraram no poema e, tomando-o como mero ponto de partida, criaram seus próprios textos poéticos.

Com uma exceção (1), os textos dos demais participantes (9) continham a palavra "memória" ou o item lexical "lembrar/lembrança", ou ambos, sendo que nenhum dos dois vocábulos aparece no texto de partida (nem mesmo algum sinônimo, como "recordação"). Transformou-se então o início do poema no início da Oficina (que foi ministrada em língua inglesa), conforme mostra-se a seguir.

Paisagem: como se faz

Esta paisagem? Não existe. Existe espaço
vacante, a semear
de paisagem retrospectiva.

Translation: how it is done

*This word? It's not there. What is there
is vacant space, to be seeded with
retrospective reading.*

Dessa maneira, introduziu-se o conceito de significado implícito. O poema de Drummond é todo sobre a construção da realidade a partir da capacidade que temos de lembrar e relembrar algo percebido – mas em momento algum aparecem no poema vocábu-

los desse campo semântico (memória). Expõe-se então a noção de um tipo de "fidelidade" tanto ao texto original quanto à construção autoral desse texto da seguinte maneira: podemos até pensar em "trair" o original naquilo que ele tem de verdadeiramente escrito, naquilo que está dito pelo autor, pois devemos necessariamente adaptar-lhe a um outro código lingüístico os sons, o léxico e a sintaxe, mas não deveríamos explicitar o que o autor obviamente quis deixar implícito. Como foi que nós, leitores de Drummond, apreendemos, a partir de "Paisagem", que a paisagem percebida ontem só fica real hoje porque o que se viu e ouviu está retido na memória? Porque juntamos 1 + 2 e obtivemos 3. O raciocínio é dedutivo.

O posicionamento do leitor perante o texto é encontrar sua lógica interna, aquilo que se pode chamar de projeto arquitetônico de sua composição. Isso porque o leitor *precisa* dar ao texto um sentido – ainda que seja esse o sentido do absurdo, o leitor precisa encontrar nele a "lógica" que é própria do nonsense, da falta de lógica, do surrealismo, etc. (E, mesmo assim, a obra literária não escapa de inserir-se no tempo e no espaço, de ter começo, meio e fim, porque foi feita para ser lida e, do contrário, seria conversa de louco e não um objeto construído para obter um efeito estético.)

Voltando, então, à tradução de "Paisagem" para o português, estamos face a face com uma primeira consideração acerca do tratamento que o tradutor deve dispensar aos significados implícitos: o que é subentendido deve permanecer subentendido, o que é ambíguo deve permanecer ambíguo, o que é metafórico deve permanecer metafórico, e assim por diante. Explicitar tais significados, escancará-los no texto, seria o mesmo que subestimar o leitor, duvidar de sua capacidade de proceder ao mesmo raciocínio que nós, tradutores, executamos no momento em que somos leitores do texto-fonte.

Abre-se então, dentro da Oficina, a discussão que, durante os 13 encontros, girará em torno da seguinte pergunta: "O que é tradução literária?" Dentro de cada encontro, abre-se um tempo para esse debate. Como material para fazer pensar a questão desde o primeiro sábado, entrega-se aos participantes cópia xerox de uma entrevista veiculada na revista *Veja* daquela semana (4 de abril de 2001, p. 11), com o maestro alemão Kurt Masur. O título da matéria é "A orquestra é amante", e uma das perguntas é "Maestros como Arturo Toscanini foram totalmente fiéis às composições. Já o austríaco Herbert von Karajan destroçava as partituras originais, enquanto o alemão Wilhelm Furtwängler quase reinventou Franz Schubert ao reger sua música. Qual sua opinião sobre esses diferentes estilos de regência?", ao que o maestro respondeu: "Nunca

reinvento. Estudo as peças cuidadosamente, tentando ressaltar as intenções dos compositores. Mas, claro, tenho personalidade, então há uma diferença natural. Mas eu não tenho de fazer algo para torná-la diferente. Não quero corrigir os compositores, e sim compreender a mensagem que eles queriam comunicar ao público. Esse é o nosso dever como maestros. Não podemos fazer mudanças achando que somos melhores. Schuman era muito corrigido pelos maestros – eles mudavam aqui e ali. Isso é uma pena. Não deveria ser permitido. É um crime." Com todo um vocabulário que geralmente se aplica no pensar o processo tradutório, a entrevista fala em interpretar a partitura, fala na responsabilidade de cada artista por sua interpretação, e assim abre-se a discussão que vai permear nossa Oficina de Tradução Literária.

Cada participante encarrega-se de trazer material que contribua para essa discussão em um sábado determinado, conforme agenda-se no primeiro encontro. Assim, os participantes trazem textos que discutem a tradução, o papel do tradutor, o processo tradutório, soluções em traduções como as de trocadilhos ou em que não há um equivalente cultural na língua-alvo. O que apareceu na Oficina foram recortes de jornais e revistas, textos acadêmicos, depoimentos de tradutores, etc.; houve mesmo quem inventasse um exercício para sala de aula, com tradução de textos e a tentativa, por parte dos colegas, de devolver o texto à língua-fonte para cotejar-se esta última versão com o original. Enfim, tão diferentes foram as abordagens à tarefa proposta quantas foram as perspectivas apresentadas para uma tentativa de delimitação do tema. Todos entendem que a pergunta é aberta a várias respostas, uma vez que o fazer tradutório é multifacetado e compreende uma visão do texto em seus vários níveis: lexical, sintático e semântico; estilístico, literário e cultural; ideológico, editorial e comercial.

Dentro da programação desse debate, contamos com a presença de dois convidados de importante atuação e produção em suas especialidades: Profa. Dr. Maria Cristina Schleder de Borba, da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, FURG, doutora em Estudos da Tradução com pesquisa na Universidade de Birmingham; Inglaterra, e Ivan Pinheiro Machado, editor da L&PM, de Porto Alegre. Pinheiro Machado presenteou-nos com uma conversa informal acerca de sua experiência como editor e teceu toda uma argumentação sobre o que, a seu ver, é um bom tradutor. Schleder de Borba honrou-nos com a apresentação de uma palestra de mesmo nome que um trabalho acadêmico seu, "A Historical Overview of the Concept of Translation and its Flexible Nature",

palestra esta apresentada anteriormente em 1999 no Gadsden State Community College, Alabama, EUA.

Com relação às duas abordagens teóricas acima apresentadas, sabe-se que uma apresenta a argumentação discursiva não como uma forma de inferência, e outra apresenta um tipo de sentido implícito do texto como inferência pragmática. Pode-se pensar que são enquadramentos teóricos antagônicos, e, no entanto, os dois serviram aos tradutores em formação como instrumentos eficazes para se pensar os subentendidos dos textos que se examinou. As duas abordagens são lingüísticas e debruçam-se sobre a análise do que é extra-lingüístico – porque é contextualmente construído e, portanto, pragmático, ou porque encontra-se na definição semântica do léxico e insere-se dentro de um encadeamento argumentativo que leva de uma premissa a uma conclusão. Como se vê, as duas oferecem descrições e explicações dos fenômenos lingüísticos que encontram suas respectivas fundamentações, tanto uma como outra, em noções de lógica formal.

Os encontros semanais contavam sempre com três momentos distintos, quais sejam: (1) a discussão "O que é tradução literária?"; (2) a apresentação e discussão, com exemplos ilustrativos, dos pontos teóricos, sendo que a ênfase foi dada aos modelos da semântica argumentativa e da pragmática lingüística acima descritos – outros pontos teóricos incluíram a discussão de escolhas lexicais, construções sintagmáticas e sintáticas, ordem das palavras, colocação e, principalmente, as questões do efeito estético no texto em língua portuguesa (em outras palavras, a natureza artística do texto traduzido e, conseqüentemente, a natureza artesanal do processo tradutório); e (3) as questões individuais da prática em tradução de cada um dos participantes.

Esse terceiro item é o que verdadeiramente caracteriza o curso como Oficina, uma vez que atendeu às dúvidas de cada um durante o tempo de feitura das traduções de seus textos para publicação. Não se trabalhavam esses textos em sala de aula. As traduções eram feitas em casa, e os participantes traziam aos sábados suas dificuldades para apreciação do grupo. As questões que, no princípio, eram de pesquisa (onde achar tal e tal informação, como chegar a um termo equivalente em língua portuguesa), passaram pela etapa de traçar limites (inventar ou eliminar, parafraseio ou emprego palavra que o leitor médio não reconhecerá, trago para dentro da cultura brasileira um hábito estrangeiro ou "doméstico" o texto), até chegarem, na segunda metade do curso, às questões referentes a soluções textuais em língua portuguesa (como posso dizer tal coisa em português sem que a frase fique rebuscada, co-

mo posso dar caráter mais literário/poético a essa seqüência lingüística).

As traduções de cada um eram trabalhadas em casa; em sala de aula, somente as dúvidas. Esse era o momento de colocar todas as cabeças a pensar em soluções tradutórias, e o resultado não podia ser outro: divergências – o que vinha sempre provar a importância do debate “O que é tradução literária?”, ao qual reportavam-se os oficinairos em busca de argumentos para defender suas posições. Também foi crucial os participantes, desde sua exposição intensiva a diferentes olhares sobre decisões tradutórias, aceitarem que não existe uma tradução mais certa que outra (pressupõe-se que estamos aqui sempre falando de traduções livres de erros, sem equívocos na transposição do conteúdo textual do inglês para o português). Entenderam bem, esses tradutores iniciantes, que as escolhas na construção do texto em língua-alvo são inúmeras e dependem também de critérios subjetivos.

Trabalhavam-se em sala de aula, como exercício, outros textos, em geral poemas, que foram apresentados aos oficinairos como ilustrativos de questões bastante específicas da tradução de língua inglesa para o português. Como exemplo, temos dentro da textura do texto questões de pronominalização e questões de anáfora. Esses dois problemas tradutórios foram estudados com o mesmo poema de Sylvia Plath que se analisou acima, “The Rival”. Problemas de escolha lexical foram abordados a partir de um poema de W.H. Auden, “In Memory of W.B. Yeats”. Aos alunos foi dado acesso a traduções já publicadas dos textos trabalhados em sala de aula, para comparação posterior ou mesmo simultânea ao exercício. As difíceis questões de como trabalhar a linguagem erótica – para acertar o tom do texto sem cair no pornográfico ou, pelo contrário, para evitar o lírico quando o que o texto original está dizendo é abertamente pornográfico – foram estudadas a partir de poemas de Michael Hofmann, no livro *Approximately Nowhere*. Esse trabalho em especial foi bastante produtivo, pois foi preciso primeiro verbalizar – entre piadas e risadas – o constrangimento que cada um sente diante de palavras consideradas tabu, para só então a turma sentir-se à vontade para lidar com aquele material lingüístico com a seriedade e concentração que lhes era costumeira.

O que se pretendeu foi, a cada encontro, trazer no mínimo uma questão específica de grande dificuldade tradutória, fosse essa gramatical, sintática, textual, etc. Os oficinairos relataram ter ficado com a nítida impressão de que houve uma escala constante e crescente de dificuldade nos exercícios programados para sala de aula.

Pensa-se ter em mãos o protótipo de um curso que funcionou muito bem, até mesmo superando expectativas (de parte de todos os envolvidos). Assim é que pode-se pensar em uma Oficina de Tradução Literária que pudesse funcionar em caráter permanente, com determinada regularidade, sempre em parceria com uma instituição de ensino (para fornecer a infra-estrutura) e uma casa editora (para fornecer o livro de contos a ser traduzido para publicação). O ministrante deve ser tradutor literário em atividade, com titulação e pesquisa adequadas a essa função de ensino. Deve ser, principalmente, pessoa que acredita no enorme potencial de tradutores que se querem lançar no mercado editorial e, para tanto, buscam seu aprimoramento.

A Oficina de Tradução Literária nestes moldes serviria um duplo propósito: oferecer a casas editoras um trabalho supervisionado e de garantida qualidade em tradução e oferecer a escritores competentes em língua portuguesa um curso formal de preparação em tradução literária para o mercado editorial. Para o ministrante da Oficina, fica a satisfação de encontrar pessoas de talento no lidar com as palavras e de grande potencial lingüístico e criativo para a tradução do texto ficcional.

Referências bibliográficas

- ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.
- AUDEN, W. H. In memory of W. B. Yeats. In: HARMON, W. (ed.), *The top 500 poems*. New York: Columbia, 1992.
- BORBA, M. C. S. de. Translation and textual manipulation. In: *Artexto*, Rio Grande, FURG, v. 11, p. 29-34, 2000.
- CAREL, M. *Pourtant: argumentation by exception*. In: *Journal of Pragmatics*. Amsterdam, North-Holland, v. 24, n. 1/2, p. 167-188, 1995.
- ; DUCROT, O. Le problème du paradoxe dans une sémantique argumentative. In: *Langue Française*, Paris: E.H.E.S.S., 1999.
- COSTA, J. C. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância: a lógica não-trivial da linguagem natural*. Dissertação de mestrado, inédita, PUCRS, 1984.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *As impurezas do branco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: COLE e MORGAN (eds.), *Syntax and semantics*. v. 3. *Speech Acts*. New York: Academic, 1975, p. 41-58.
- HOFMANN, Michael. *Approximately nowhere*. London: Faber and Faber, 1999.
- MACRONE, M. *Naughty Shakespeare*. New York: Cader, 1997.
- MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

PLATH, Sylvia. *Poemas*. Org. e trad. Rodrigo Garcia Lopes e Maurício Arruda Mendonça. São Paulo: Iluminuras, 1994.

SHAKESPEARE, W. *Romeo and Juliet*. In: *The complete works of William Shakespeare*. New York: Gramercy, 1975, p. 1010-1044.

SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. Trad. Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 1998.

VIÉGAS-FARIA, B. *Implicaturas em Romeu e Julieta: a teoria de Grice e suas implicações para o estudo da tradução*. Dissertação de mestrado, inédita, PUCRS, 1999.

ANEXO

The Rival
Sylvia Plath (1961)

- 1 If the moon smiled, she would resemble you.
- 2 You leave the same impression
- 3 Of something beautiful, but annihilating.
- 4 Both of you are great light borrowers.
- 5 Her O-mouth grieves at the world; yours is unaffected,

- 6 And your first gift is making stone out of everything.
- 7 I wake to a mausoleum; you are here,
- 8 Ticking your fingers on the marble table, looking for cigarettes,
- 9 Spiteful as a woman, but not so nervous,
- 10 And dying to say something unanswerable.

- 11 The moon, too, abases her subjects,
- 12 But in the daytime she is ridiculous.
- 13 Your dissatisfactions, on the other hand,
- 14 Arrive through the mailslot with loving regularity,
- 15 White and blank, expansive as carbon monoxide.

- 16 No day is safe from news of you,
- 17 Walking about in Africa maybe, but thinking of me.

Rival

Tradução literal, com base em Rosemary Arrojo (1986)

- 1 Se a lua sorrisse, pareceria com você.
- 2 Você deixa a mesma impressão
- 3 De algo belo, porém arrasador.
- 4 Vocês dois são especialistas em tomar emprestado a luz.
- 5 A boca dela, em forma de O, sofre pelo mundo; a sua permanece impassível.

- 6 Seu talento maior é transformar tudo em pedra.
- 7 Acordo para um mausoléu; você está aqui,
- 8 Tamborilando os dedos sobre o tampo da mesa de mármore à procura de cigarros,
- 9 Rancoroso como uma mulher, mas não tão nervoso,
- 10 Morrendo de vontade de dizer algo irretorquível.

- 11 A lua, também, humilha seus súditos,
- 12 Mas de dia ela é ridícula.
- 13 Suas insatisfações, por outro lado,
- 14 chegam à caixa de cartas com regularidade encantadora
- 15 Brancas e em branco, expansivas como monóxido de carbono.

- 16 Nenhum dia está a salvo de notícias suas,
- 17 Caminhando pela África, talvez, mas pensando em mim.

Cultivo e culto da Língua

Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente

Presidente da Academia Rio-Grandense de Letras

A língua é o melhor instrumento da comunicação humana, daí decorre a necessidade de seu cultivo e de seu culto. São dois atos: o estudo, o exercício do idioma e admiração e o respeito prestados ao idioma. Miguel de Unamuno o grande Reitor da Universidade de Salamanca, o contemporâneo de Fernando Pessoa e correspondente de Teixeira de Pascoaes, afirmava: "La lengua es la sangre de mi espíritu". E o autor de Mensagem exclamava: "A minha pátria é a língua portuguesa."

Por causa de certos vezos de nossa civilização não se tem hoje o cuidado que se deveria ter no cultivo e na prática de nossa língua, elemento fundamental da vida social, intelectual e espiritual da pessoa.

No extremo Oriente, o país do sol nascente mantém fidelidade no cultivo da língua porque existe verdadeiro culto de veneração à tradição, ao purismo e à beleza da expressão.

Em comemoração dos 40 anos de ensino da língua e da cultura japonesa na PUCRS, aconteceu o 7º Concurso Nacional de Oratória da Língua Japonesa. No sábado, dia 17, às 13h com a presença do cônsul do Japão KANJI TSUSHIMA, do Prof. Dr. Yukio Moriguchi, do Ir. Elvo Clemente, representante do Reitor, iniciou solenemente o Concurso de Oratória. Houve representantes de Fortaleza (CE), Manaus (AM), Curitiba (PR), São Paulo (SP), Belém (PA), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (RS).

Os 20 candidatos formavam três categorias, conforme seu nível de aprendizado. Cada candidato dissertou durante cinco minutos sobre o tema indicado pelo Concurso. Os vencedores por categoria: Saori Maekawa, de São Paulo; Aline Marie Teófilo de Moura, de Fortaleza; Rosiane Gonçalves da Costa Santos, de Belém.

O Consulado do Japão ofereceu aos participantes um jantar típico.

Notou-se no Concurso o cuidado pelo uso correto e estético da Língua Japonesa. A Fundação Japão destinou verba especial para o 7º Concurso Nacional. Pagou viagem e estada dos concorrentes vindos de outros Estados. Tanto dinheiro, tanta dedicação no treinamento dos candidatos significa grande veneração, expressivo culto pela Língua Japonesa.

Ao escutar aquelas falas, me perguntava: o que se faz no Brasil para que a Língua Portuguesa seja correta, bela e expressiva de nossas vidas e de nosso amor?

Publicações periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - *Trimestral*
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria - *Trimestral*
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - *Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **DIVULGAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia - *Quadrimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social – *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - *Semestral*